

EDITORA



UnB

EDUCADORAS E EDUCADORES BRASILEIROS

Do centenário de Paulo Freire e Darcy Ribeiro aos 60 anos da UnB

Catarina de Almeida Santos
Andréia Mello Lacé
Ana Maria de Albuquerque Moreira
Danielle Xabregas Pamplona Nogueira

(organizadoras)



 EXTENSÃO
INSURGENTE



Universidade de Brasília

Reitora : Márcia Abrahão Moura
Vice-Reitor : Enrique Huelva

EDITORA



UnB

Diretora : Germana Henriques Pereira

Conselho editorial : Germana Henriques Pereira (Presidente)
: Ana Flávia Magalhães Pinto
: Andrey Rosenthal Schlee
: César Lignelli
: Fernando César Lima Leite
: Gabriela Neves Delgado
: Guilherme Sales Soares de Azevedo Melo
: Liliane de Almeida Maia
: Mônica Celeida Rabelo Nogueira
: Roberto Brandão Cavalcanti
: Sely Maria de Souza Costa

EDITORA



UnB

EDUCADORAS E EDUCADORES BRASILEIROS

**Do centenário de Paulo Freire e
Darcy Ribeiro aos 60 anos da UnB**

Catarina de Almeida Santos

Andréia Mello Lacé

Ana Maria de Albuquerque Moreira

Danielle Xabregas Pamplona Nogueira

(organizadoras)



Equipe do projeto de extensão – Oficina de edição de obras digitais

Coordenação geral	Thiago Affonso Silva de Almeida
Consultor de produção editorial	Percio Savio Romualdo Da Silva
Coordenação de revisão	Denise Pimenta de Oliveira
Coordenação de design	Cláudia Barbosa Dias
Revisão	Maria Thalita dos Santos Pessôa
Diagramação	Larissa Gomes dos Santos Viana
Fotos de capa	Paulo Freire Contemporâneo, frame de vídeo - Ministério da Educação, via Domínio Público Darcy Ribeiro - Cedoc - Arquivo Central UnB Universidade de Brasília - Beto Monteiro
	© 2023 Editora Universidade de Brasília
	Direitos exclusivos para esta edição: Editora Universidade de Brasília Centro de Vivência, Bloco A – 2ª etapa, 1º andar Campus Darcy Ribeiro, Asa Norte, Brasília/DF CEP: 70910-900 Site: www.editora.unb.br E-mail: contatoeditora@unb.br
	Todos os direitos reservados. Nenhuma parte desta publicação poderá ser armazenada ou reproduzida por qualquer meio sem a autorização por escrito da Editora.

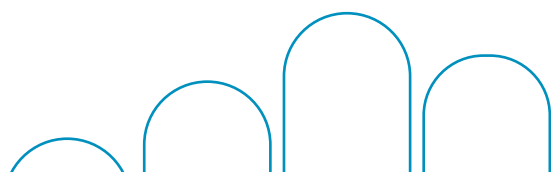
Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Biblioteca Central da Universidade de Brasília – BCE/UnB)

E24 Educadoras e educadores brasileiros [recurso eletrônico] : do centenário de Paulo Freire e Darcy Ribeiro aos 60 anos da UnB / (organizadoras) Catarina de Almeida Santos ... [et al.]. – Brasília : Editora Universidade de Brasília, 2024.
170 p.

Formato PDF.
ISBN 978-65-5846-270-5.

1. Universidade de Brasília - História. 2. Educadoras - Brasil. 3. Educadores - Brasil. I. Santos, Catarina de Almeida (org.).

CDU 37 (81)



Sumário

Prefácio 7

Olgamir Amancia Ferreira

Os 60 anos da Universidade necessária e as educadoras e os educadores brasileiros 11

Catarina de Almeida Santos
Andréia Mello Lacé
Ana Maria de Albuquerque Moreira
Danielle Xabregas Pamplona Nogueira

Paulo Freire: educando para a libertação 21

Cristiano Garboggini Di Giorgi
Andréia Nunes Militão

Do direito à educação à Universidade de Brasília no pensamento anisiano 37

Maria Zélia Borba Rocha

Florestan Fernandes e a educação: da Campanha de Defesa da Escola Pública à construção de uma pedagogia socialista 57

Diogo Valença de Azevedo Costa

Nísia Floresta: autobiografia, pesquisas e perspectivas 75

Alyanne de Freitas Chacon

Formação social, estado e educação brasileira: o projeto quilombista como alternativa civilizatória e pedagógica em Abdias do Nascimento 93

André Luis Pereira
Camilla Meneguel Arenhart



Nise da Silveira: uma educadora rebelde 111

Felipe Magaldi

Anália Franco: a educadora que o Brasil precisa conhecer 129

Samantha Lodi-Corrêa

**Os 60 anos da UnB no centenário de Darcy Ribeiro
e a necessária luta por um novo amanhecer** 149

Catarina de Almeida Santos

Andréia Mello Lacé

Ana Maria de Albuquerque Moreira

Danielle Xabregas Pamplona Nogueira

Um posfácio, um convite ao inacabamento 157

Andressa Pellanda

Nise da Silveira e a humanização da doença mental 161

Franklin Chang



Nísia Floresta: autobiografia, pesquisas e perspectivas

Alyanne de Freitas Chacon



Hodiernamente, a luta e as discussões pelo reconhecimento do trabalho feminino são assuntos que vêm sendo cada vez mais discutidos. No âmbito literário, é possível encontrar vários registros de escritoras que, no século XIX, produziram obras de grande valor e que ainda hoje não receberam todo o reconhecimento que merecem. Dentre essas escritoras, destacamos a norte-rio-grandense Dionísia Gonçalves Pinto, mais conhecida como Nísia Floresta ou Nísia Floresta Brasileira Augusta. A adoção de um pseudônimo já revelava a forte personalidade da autora. “Nísia” é a abreviação de “Dionísia”; “Floresta” é uma homenagem ao local onde nasceu, o sítio Floresta. “Brasileira”, como uma forma de mostrar a todos sua nacionalidade, e “Augusta”, uma homenagem ao esposo, Augusto.

Biografia

Nísia Floresta nasceu no dia 12 de outubro de 1810, na cidade de Papari, Rio Grande do Norte, que hoje recebe o nome de Nísia Floresta em sua homenagem, e ela faleceu em 24 de abril de 1885, na cidade de Rouen, na França.

Em uma época em que as mulheres eram criadas apenas para servir aos maridos, Nísia surge para reivindicar uma educação digna para o sexo feminino e escrever sobre diversos temas, como indianismo, nacionalismo, positivismo, escravidão e até a situação à qual a mulher era submetida pela sociedade machista da época.

Conhecida como uma mulher à frente do seu tempo, Nísia Floresta escreveu sobre questões culturais importantes, sendo considerada por muitos como a primeira feminista do Brasil. Além de ter sido uma exceção entre as mulheres, por ter publicado várias obras em pleno século XIX e por ter sido uma das primeiras mulheres a escrever artigos para a imprensa, Nísia sempre buscou lutar por uma educação igualitária para o seu sexo. Isso a levou a abrir uma escola só para meninas, a qual recebeu o nome de Colégio Augusto, em homenagem ao segundo marido, que faleceu prematuramente, com quem teve dois filhos: Livia e Augusto.

No Colégio Augusto, situado no Rio de Janeiro, as jovens aprendiam, além dos trabalhos domésticos, alguns idiomas como latim, italiano e francês, uma vez que ela propunha uma educação mais avançada do que as escolas da época costumavam oferecer e, por essa razão, recebeu muitas críticas por parte da sociedade patriarcal da época.

Em 1849, Nísia viajou para a Europa por recomendação médica, para tratar da saúde de sua filha, que havia sofrido um grave acidente. A escritora retornou ao Brasil no ano de 1852, mas em 1856 partiu novamente para a Europa, onde publicou grande parte de suas obras. Nesse mesmo ano, o Colégio Augusto encerrou suas atividades, após dezessete anos de funcionamento.

Certamente, o fato de Nísia Floresta ser uma escritora/mulher no século XIX e estar à frente do seu tempo, discursando sobre os direitos das mulheres, mostrando sua insatisfação em relação à vida que era imposta ao sexo feminino, contribuiu para que sua obra não recebesse todo o reconhecimento devido. Destarte, com o intuito de divulgar o trabalho dessa importante e memorável educadora, poetisa e escritora potiguar, assim como promover e estimular mais pesquisas envolvendo suas obras, o objetivo deste capítulo é apresentar parte da vida e da produção de Nísia, além das pesquisas que foram empreendidas por nós nos últimos anos. Entretanto, como não é possível abordar neste espaço todos esses estudos detalhadamente, versamos sobre o que analisou a autobiografia em seus relatos de viagem.

Pesquisas sobre Nísia Floresta

Dentre os principais autores que reconheceram o valor da obra de Nísia Floresta e a pesquisaram, encontramos Aduino da Câmara, que publicou *História de Nísia Floresta*, contendo dados biográficos da autora, e Constância Lima Duarte, que escreveu *Nísia Floresta: vida e obra*, resultado de sua tese de doutorado. Duarte é certamente a principal estudiosa no assunto, pois nos traz contribuições não apenas de ordem biográfica, mas também apresenta uma análise das obras da norte-rio-grandense.

Em 2011, nossa dissertação de mestrado, intitulada *O discurso autobiográfico nos relatos de viagem de Nísia Floresta*, analisou como se manifesta a autobiografia em *Itinéraire d'un Voyage en Allemagne (Itinerário de uma viagem à Alemanha)* e *Trois Ans en Italie, Suivis d'un Voyage en Grèce (Três anos na Itália seguidos de uma viagem à Grécia)*. Durante o doutorado em 2013, reconhecendo o vasto potencial de pesquisa nas obras de Nísia, decidimos fazer uma análise a partir da teoria linguística da “Responsabilidade Enunciativa” em *Itinéraire d'un Voyage en Allemagne*.

Ademais, em 2020, publicamos um livro intitulado *Itinéraire d'un Voyage en Allemagne: pontos de vista de uma viajante*, no qual apresentamos, sobretudo, o resultado da nossa tese de doutorado.

Atualmente, ao fazermos uma busca em bibliotecas e sites, encontramos outros pesquisadores que estudaram escritos de Nísia Floresta. No entanto, diante de tantas obras publicadas pela escritora potiguar, vemos que ainda há muito a ser explorado, estudado e

divulgado; ou seja, ainda há um longo caminho a ser percorrido até que Nísia receba todo o reconhecimento que lhe é devido.

Em 1995, Duarte já nos apontava muitas opções de pesquisa que podíamos e podemos realizar através dos escritos de Nísia.

Apesar de consciente, desde o início, de que meu objetivo era apresentar o conjunto da obra nisiana, para tal abdicando de me deter demoradamente em cada um dos textos, dada sua extensão e a complexidade dos assuntos aí tratados, ainda assim guardo a sensação de ter muito mais para dizer do que consegui selecionar. Suponho que todos que o lerem também terão em mente outras e novas relações, bem como diferentes análises. E acho bom que seja assim. Se conseguir provocar em alguém o desejo de retomar uma leitura, de realizar novas abordagens, de abrir outros caminhos de interpretação, sinto-me sinceramente gratificada, pois era bem este o meu propósito a partir dessa apresentação da vida e obra da autora. Acredito que Nísia Floresta e a Literatura Brasileira só terão a ganhar com isso (Duarte, 1995, p. 331).

Assim como Duarte, também acreditamos que ainda há muitas pesquisas a serem empreendidas com as obras de Nísia Floresta, haja vista encontrarmos ali não apenas uma busca por igualdade entre homens e mulheres, mas também o olhar sensível de uma mulher que se posicionava contra injustiças.

Produções de Nísia Floresta

Nísia Floresta publicou muitas obras, destacando-se entre as principais:¹ *Direitos das Mulheres e Injustiça dos Homens* (1832), que “deu à autora o título incontestável de precursora dos ideais de igualdade e independência da mulher em nosso país, pois não se conhece outro texto anterior que tenha tratado destas questões” (Duarte, 1995, p. 24); *Conselhos à Minha Filha* (1842); *Fany ou o Modelo das Donzelas* (1847); *Daciz ou a jovem completa. Historieta oferecida as suas educandas* (1847); *A lágrima de um Caeté* (1849); *Dedicação de uma amiga* (1850); e *Opúsculo Humanitário* (1853).

Entre a produção intelectual de Nísia Floresta, encontram-se também livros que foram publicados na Europa, dentre os quais estão: *Scintille d’un’Anima Brasileira* (1859), *Fragments d’un Ouvrage Inédit: Notes biographiques* (1878), e os dois relatos de viagens: *Itinéraire d’un Voyage en Allemagne* (1857) e *Trois Ans en Italie, Suivis d’un Voyage en Grèce*, publicado em dois volumes, o primeiro em 1864 e o segundo em 1872.

Como nossa pesquisa foi realizada usando como *corpus* os relatos de viagem supracitados e como seria necessário um grande espaço para descrever detalhadamente todas as obras de Nísia, detemo-nos na descrição apenas dos relatos.

¹ Todas as datas de publicação foram retiradas do livro *Nísia Floresta: vida e obra*, escrito por Constância Lima Duarte (1995).

Relatos de viagem

O primeiro relato, *Itinéraire d'un Voyage en Allemagne* (doravante *Itinéraire*), retrata a viagem feita por Nísia Floresta em 1856, entre os meses de agosto e setembro. A autora viaja na companhia de sua filha Lívia, com quem percorre algumas cidades da Bélgica e da Alemanha. Nesse itinerário, encontramos as correspondências direcionadas ao filho e aos irmãos que residiam no Brasil. Nísia também retrata os momentos mais marcantes dessa viagem, expressando, sobretudo, as saudades que sentia da família. A obra nos apresenta trinta e quatro cartas ao todo, escritas diariamente, com exceção do dia 4 de setembro, uma vez que não há registro desse dia.

A norte-rio-grandense viajou durante cinco semanas por vinte e três cidades. A primeira carta foi escrita em 26 de agosto, na cidade de Bruxelas, e a última é datada de 30 de setembro de 1856, na cidade de Estrasburgo. Outro ponto muito interessante é a riqueza de detalhes existentes em cada carta. Poderíamos dizer que essa obra é praticamente como um diário íntimo, pois a autora nos revela a todo tempo suas impressões, as saudades que sentia dos parentes e, principalmente, de seu filho Augusto, que queria que estivesse com ela naquele momento.

O segundo relato, intitulado *Trois Ans en Italie, Suivis d'un Voyage en Grèce* (doravante *Trois Ans*), trata dos três anos que a autora passou em solo italiano, em uma viagem que se perdurou de março de 1858 até meados de 1861, um tempo suficiente para conhecer e rever os lugares que lhe interessavam, além de residir em algumas cidades italianas.

Esta obra recebeu elogios dos estudiosos da obra nisiana, como Adauto da Câmara, que a considera “uma obra-prima”, onde a autora teria alcançado “a culminância do seu esplendor espiritual”, e Roberto Seidl, que viu em suas páginas “um dos melhores e mais sinceros depoimentos históricos sobre a gloriosa epopeia italiana” (Duarte, 1995, p. 293).

Muitos escritores registraram suas viagens no século XIX, principalmente na Europa. Alguns dos grandes nomes da literatura mundial relataram viagens feitas à Alemanha e à Itália; entre eles estão Victor Hugo, Goethe, Mme de Staël, Chateaubriand, entre muitos outros. Sobre a viagem empreendida por Nísia, Duarte escreveu:

ela não realiza sua viagem incógnita, como Goethe, nem percorre o país em algumas semanas, como alguns fizeram, e ela mesma fez em sua excursão à Alemanha. Ao contrário, demora-se por três longos anos [...]. Assim, quando Nísia Floresta redige suas observações, ela se inscreve, conscientemente, num dos gêneros literários mais em voga na Europa daquela época (2005, p. 287-288).

Entretanto, são poucas as referências que encontramos sobre relatos de viagens realizados por escritores brasileiros, principalmente por escritoras. Nesse caso, Nísia inova mais uma vez, pois além de ter sido uma mulher a registrar essas viagens, esteve entre os poucos brasileiros que relataram excursões à Europa.

O que diferencia suas narrativas de viagem é que, na primeira, Nísia decide viajar para tentar esquecer sua tristeza interior, especialmente o aniversário de morte da sua mãe, ao relatar sobretudo seu estado de espírito. Eis quando a autora revela os motivos de sua viagem:

O mês de agosto, que vocês sabem ser fatal para minha felicidade pela tripla perda que marcou em minha existência, começou para mim, este ano, mais triste e mais doloroso do que nunca.

Com o coração apertado, a alma sempre abatida pela lembrança angustiante da morte da melhor das mães, eu via se aproximar o primeiro aniversário do dia que a levou do meu carinho.

Vocês acreditaram que Paris exerceria sobre mim sua magia costumeira: pois bem! eu a revi com indiferença, e ela se tornou para mim monótona e quase insuportável à medida que esse triste aniversário se aproximava [...].

Era-me necessário percorrer novos países, ter neles novas impressões sob um horizonte mais vasto, em uma atmosfera mais livre e, conseqüentemente, mais análoga a meus gostos (Floresta, 1857, p. 1-2, tradução nossa).²

Na segunda narrativa, *Trois Ans*, Nísia nos mostra não apenas suas emoções, ela vai além. Este é o livro pelo qual “melhor se delinea a ideologia política da autora, tanto por ter sido realizado num momento de maturidade intelectual, como por refletir as transformações sociais e políticas italianas” (Duarte, 1995, p. 302). Outro ponto de bastante relevância entre esses relatos é o aspecto autobiográfico, que está fortemente presente neles. Segundo Duarte:

em qualquer uma das narrativas, apesar do grau de objetividade da descrição, é frequente a intromissão da figura do autor, pois trata-se do relato de uma experiência pessoal, o que, na maioria dos casos, concede à narrativa um aspecto autobiográfico. E o que distingue uma narrativa de viagem de outra não é só o tema tratado: relatar viagens; há características formais específicas. Cartas, diários, memórias, confissões, crônicas ou simplesmente historiografia figuravam como gêneros os mais praticados na época [...]. Em *Trois ans en Italie*, Nísia Floresta vai utilizar não apenas uma, mas várias destas modalidades, ao iniciar seu texto como um *diário de viagem* e terminar o segundo volume como uma *crônica histórica*. Opera ainda neste texto uma singular fusão entre as duas formas de diário, “o de viagem” e o “diário íntimo”, além de guardar uma semelhança com o *gênero epistolar*, quando se dirige a outra pessoa (1995, p. 288).

² *Le mois d'août, que vous savez si fatal à mon bonheur par la triple perte qu'il a marqué dans mon existence, commença pour moi, cette année plus triste et plus douloureux que jamais.*

Le coeur serré, l'esprit toujours abattu par le souvenir déchirant de la mort de la meilleure des mères, je voyais approcher le premier anniversaire du jour qui l'enleva à ma tendresse.

Vous aviez cru que Paris exercerait sur moi sa magie ordinaire: eh bien! je l'ai revu avec indifférence, et il me devint monotone et presque insupportable, à mesure que ce triste anniversaire approchait [...].

Il me fallait parcourir de nouveaux pays, y puiser de nouvelles impressions sous un horizon plus vaste, dans une atmosphère plus libre, et par conséquent plus analogue à mes goûts [...].” (Floresta, 1857, p. 1-2).

Tudo isso nos mostra que, realmente, Nísia Floresta foi uma mulher que esteve um passo à frente da maioria das mulheres de sua época e, por que não dizer, que até mesmo de muitos homens. Pois, além de ser uma brasileira em terras estrangeiras, inovou, dinamizando a relação entre esses gêneros em seus relatos.

Esta oscilação entre “diário íntimo”, “diário de viagem” e até mesmo “carta” caracteriza a narrativa desta escritora, que parece não tratar um tema objetivamente, sem se colocar no centro da questão. Em praticamente toda a sua obra, os sentimentos e pensamentos mais íntimos são divulgados, pois a autora não hesita em apresentar dados autobiográficos e revelar seus pontos de vista em letras impressas. Essa subjetividade poderosa também estará presente neste texto, pontuando-o com reflexões, opiniões e, principalmente, referências à sua vida particular (Duarte, 1995, p. 289).

Duarte destaca que o aspecto autobiográfico não estava presente apenas nas narrativas de viagem de Nísia, mas em sua obra como um todo: “muitas vezes surpreendi-me perguntando onde começava a ficção e onde se achava a realidade, de tanto que obra e vida apresentam estreitas relações de semelhança e, quem sabe, de mútua dependência” (2005, p. 14). Face ao exposto, analisamos à luz da ótica de Philippe Lejeune e de outros estudiosos do gênero autobiográfico se essas narrativas podem ser consideradas autobiográficas.

O gênero autobiográfico em *Itinéraire d'un Voyage en Allemagne e Trois Ans en Italie, Suivis d'un Voyage en Grèce*

Segundo Lejeune (1998), a autobiografia surgiu na segunda metade do século XVIII na maioria dos países da Europa, quando as pessoas começaram a tomar consciência do valor e da singularidade da experiência que cada um tem de si mesmo.

Essa descoberta da historicidade bem no seio da personalidade toma diferentes formas: afetivamente, ela pode acompanhar-se de nostalgia, do desejo de retorno às origens, ao paraíso perdido da infância, sentimento praticamente inexistente antigamente; intelectualmente, ela provoca um estudo genético da personalidade. Ao mesmo tempo em que a autobiografia permite manifestar essas riquezas da vida interior, ela preenche uma outra função importante: ela converte em valor social a experiência de si vivida, de uma certa maneira, a margem da sociedade, ela exterioriza a interioridade e a manifesta a outros [...]. Por outro lado, a autobiografia estabelece um outro tipo de relação entre o autor e o leitor: a leitura se torna um momento de comunhão, o texto não é mais só o intermediário transparente que serve de comunicação de pessoa a pessoa. pessoa (Lejeune, 1998, p. 43-44, tradução nossa).³

³ [...] cette découverte de l'historicité au sein même de la personnalité prend différentes formes: affectivement, elle peut s'accompagner de nostalgie, du désir de retour aux sources, au paradis perdu de l'enfance, sentiment pratiquement inexistant auparavant; intellectuellement, elle entraîne une étude génétique de la personnalité. En même temps que l'autobiographie permet d'exploser ces richesses de la vie intérieure, elle remplit une autre

Acreditamos que os aspectos afetivos e intelectuais encontrados em obras autobiográficas estão presentes nas narrativas de viagem de Nísia Floresta. Podemos observar a presença do sentimento de nostalgia que já era expresso pela autora, além de, por vezes, ela fazer referência ao seu país de origem e ao sítio Floresta, como um possível desejo de reviver o passado.

No tocante às contribuições sociais, também podemos verificar nesses relatos uma Nísia preocupada não apenas consigo mesma, mas também com outros aspectos, dentre os quais podemos destacar as passagens em que a autora retrata os costumes da época, mesmo que fosse para fazer críticas, como a maneira pela qual os escravos eram tratados ou sua indignação quanto à opressão sofrida pelos italianos.

Ao ler os dois relatos de Nísia, é possível verificar algumas semelhanças entre eles. A primeira, que podemos apontar, figura-se no próprio gênero: narrativas de viagem. A segunda analogia passível de verificação ocorre quanto aos traços autobiográficos da autora. Em terceiro lugar, temos o fato de terem sido escritos e publicados em língua francesa.

Apesar dessas semelhanças, Duarte afirma que a forma como Nísia apresenta informações sobre si, ou seja, a forma como os dados autobiográficos se apresentam nos relatos, é diferente:

as referências à experiência pessoal ou ao caráter autobiográfico presente nos *Trois ans en Italie* não chegam a comprometer de forma decisiva o testemunho de época que o livro possui, pois não impediram o registro da *crônica política*, da *crítica cultural* e das reflexões sobre a *história* daquele país [...]. É neste aspecto que reside a maior das diferenças entre este livro e o anterior. O autobiografismo aqui não se manifesta de forma individualista como se manifesta no *Itinerário*. É a autora quem narra, mas ela ultrapassa as limitações de um *diário* para se revelar quase uma *jornalista* ou uma *cronista* que faz a documentação das experiências de um povo [...] (1995, p. 318).

De acordo com Heidmann (2010, p. 70), ao fazermos uma comparação, em vez de considerar apenas os textos de um lado e os contextos do outro, somos levados a comparar as formas pelas quais os textos estabelecem relações com seus contextos discursivos e culturais respectivos. Por conseguinte, devemos considerar as circunstâncias que envolveram sua produção, o que explica o fato de *Itinéraire* também se caracterizar como uma obra epistolar, uma vez que é composto por cartas. É importante destacar que, na primeira pesquisa empreendida por nós, os dois relatos foram analisados e, portanto, fez-se mister a comparação entre eles.

Como vimos, o *Itinéraire* mescla três gêneros: relato de viagem, epistolar e autobiografia, pois a autora narra sua passagem pela Bélgica e pela Alemanha por meio de cartas, nas quais registra constantemente seu estado de espírito. A segunda narrativa, *Trois Ans*, obedece plenamente ao gênero relato e, apesar de não ser composta exatamente por cartas, ainda assim guarda alguma semelhança com o gênero epistolar quando Nísia “dialoga” com algumas pessoas, na maioria das vezes, seus parentes deixados no Rio de Janeiro.

fonction importante: elle reconvertit en valeur sociale l'expérience de soi vécue d'une certaine manière en marge de la société, elle extériorise l'intériorité et la manifeste à autrui. [...] d'autre part, l'autobiographie établit un nouveau type de relation entre l'auteur et le lecteur: la lecture devient un moment de communion, le texte n'est plus que l'intermédiaire transparent qui sert à une communication de personne à personne (Lejeune, 1998, p. 43-44).

Esse aspecto pode ser observado nos relatos de viagem de Nísia Floresta. Quase sempre, a autora interage com pessoas de seu tempo ou de outros tempos. Seu discurso está voltado para a conversação, seja com interlocutores reais (parentes e amigos), seja com o público – os leitores de seus relatos –, seja com interlocutores “virtuais”, isto é, pessoas já falecidas, como sua mãe, seu marido ou um escritor importante. Nísia elege, até mesmo, algumas das cidades por onde passa como interlocutoras. Assim, notamos a presença de um certo tipo de “diálogo” nessas narrativas.

O princípio bakhtiniano de dialogismo pode explicar essa “conversação” ou “interação discursiva” presentes nas narrativas de viagem de Nísia Floresta. Segundo Bakhtin (1980, p. 182): “toda a parte verbal de nosso comportamento (quer se trate de linguagem exterior ou interior) não pode, em nenhum caso, ser atribuída a um sujeito individual considerado isoladamente”. A partir dessa perspectiva, empreendemos a pesquisa de doutorado, que buscou identificar se em *Itinéraire* é possível encontrar outros pontos de vista, ou seja, outras vozes, além da de Nísia Floresta.

Aqui estão alguns fragmentos que revelam apenas parte dos “diálogos”, “monólogos” ou dialogismos que a autora registra em suas narrativas:

Não fiquem enciumadas se lerem um dia essas linhas, *minhas jovens amigas de além-mar*; pois a afeição que sinto por vocês tem uma outra origem, ela tem quase a afeição maternal (Floresta, 1864, p. 74, tradução nossa).⁴

[...] *Oh meu filho! Meu filho!* Nada pode me consolar da tua ausência. Quase todas as dores que me feriram a alma, eu as previ com antecedência; porém, jamais a ideia de que me deixarias tão cedo se apresentou ao meu espírito (Floresta, 1864, p. 133, tradução nossa).⁵

Você, oh minha mãe! Você cuja imagem adorada se apresenta hoje mais vivamente ao meu espírito e preenche todo o meu coração torturado ainda pela dor de ter lhe perdido tão cedo, [...].(Floresta, 1872, p. 29, tradução nossa).⁶

Vocês querem ver a realidade de um desses sonhos fantásticos o qual, rodeado das mais maravilhosas cenas da natureza, *seu* espírito procura desembrulhar entre as incertas imagens vaporosas que ele *lhes* representa [...]? (Floresta, 1872, p. 76, tradução nossa)⁷

⁴ *n'en soyez pas jalouses, si vous lisez un jour ces lignes, mes jeunes amies d'autre mer; car l'affection que je ressens pour vous a une tout autre origine, elle tient presque à l'affection maternelle* (Floresta, 1864, p. 74, grifos nossos).

⁵ [...] *o mon fils! ô mon fils! rien ne peut me consoler de ton absence. Presque toutes les douleurs qui m'ont frappé l'âme, je les avais prévues d'avance; mais jamais l'idée que tu me laisserais si tôt ne s'était présentée à mon esprit* (Floresta, 1864, p. 133, grifos nossos).

⁶ *Toi, ô ma mère! toi dont l'image adorée se présente plus vivement aujourd'hui à mon esprit et remplit tout mon coeur torturé encore par la douleur de t'avoir si tôt perdue, [...]* (Floresta, 1872, p. 29, grifos nossos).

⁷ *Voulez-vous voir la réalité d'un de ces rêves fantastiques dans lequel, entouré des plus féeriques scènes de la nature, votre esprit cherche à démêler parmi les incertaines images vaporeuses qu'il vous y représente [...]*? (Floresta, 1872, p. 76, grifos nossos).

Eu te contemplo, oh *encantadora Parténope*, em tua misteriosa indiferença, graciosamente inclinada sobre tuas montanhas vulcânicas e observando-te com amor nas águas azuladas de teu golfo esplêndido de quem recebes as homenagens e os carinhos. (Floresta, 1864, p. 175, tradução nossa).⁸

Uma filha do novo mundo, um humilde espírito brasileiro, se sente completamente emocionada, oh sombra de *Demóstenes, último grande campeão grego*, contemplando o local dos seus triunfos em Atenas, sua cara pátria! As ruínas do tempo e dos homens varreram esta tribuna de onde partiram suas eloquentes arengas que o mundo admira; mas nem um nem os outros puderam destruir a imortal glória do *maior orador da antiguidade*, o qual desconcertou por muito tempo os projetos ambiciosos de Felipe e de seu filho Alexandre. (Floresta, 1872, p. 169, tradução nossa).⁹

Apesar de o gênero relato de viagem ser considerado por muitos críticos literários como “menor”, o conteúdo presente nas páginas dos relatos de Nísia Floresta não tem essa conotação, pois podemos encontrar nessas narrativas muitas outras informações que transcendem o discurso de viajante.

Ao percorrermos alguns estudos mais recentes elaborados por Lejeune (1998) acerca do gênero autobiográfico, percebemos que o autor revela a complexidade que envolve uma definição para o gênero, pois deverão ser levadas em consideração certas condições, tais como o momento de produção e os assuntos retratados, ou seja, o enfoque mais ressaltado pelo autobiógrafo.

Segundo Lejeune (1998), a autobiografia seria uma narrativa retrospectiva em prosa que alguém faz de sua própria existência, enfatizando principalmente sua vida individual, em particular a história de sua trajetória. De acordo com Zanone (1996, p. 7), também estudioso do assunto, a autobiografia evoca uma “narrativa na qual o autor conta sua vida: ‘auto-biografia’, é a biografia de si mesmo por si mesmo”. Desse modo, vemos que, embora os teóricos citados não atribuam o mesmo significado ao termo autobiografia, eles o consideram como uma narrativa que a pessoa escreve sobre sua própria vida.

Contudo, Lejeune vai além, mostrando que essa definição põe em jogo elementos que pertencerão a três categorias, sendo elas: 1) A forma da linguagem, que inclui a narrativa e a prosa; 2) O tema tratado, que abrange a vida individual e a história de uma personalidade; 3) A situação do autor, que compreende a identidade do autor, do narrador e do personagem, bem como a perspectiva retrospectiva da narrativa.

Verificamos que os relatos de Nísia estão em conformidade com os pontos ilustrados pelo autor. Primeiramente, por se tratarem de uma narrativa em prosa, que adere fielmente à primeira

⁸ *Je te contemple, ô ravissante Parthénope, dans ta mystérieuse nonchalance, gracieusement incliné sur tes montagnes volcaniques, et te mirant avec amour dans les eaux bleuâtres de ton golfe splendide dont tu reçois les hommages et les caresses* (Floresta, 1864, p. 175, grifos nossos).

⁹ *Une fille du nouveau monde, un humble esprit brésilien, se sent toute émue, ô ombre de Démosthènes, dernier grand champion grec, en contemplant la place de tes triomphes à Athènes, ta chère patrie! Les ravages du temps et des hommes balayèrent cette tribune d'où partirent tes éloquentes harangues que le monde admire; mais ni l'un ni les autres ne purent détruire l'immortelle gloire du plus grand orateur de l'antiquité, lequel déconcerta longtemps les projets ambitieux de Philippe et de son fils Alexandre* (Floresta, 1872, p. 169, grifos nossos).

categoria. Em segundo lugar, pela própria condição do autor, pois é possível perceber, diante das primeiras páginas, que é a própria Nísia quem escreve e narra a própria história, abarcando, assim, os três pontos elencados por Lejeune em relação ao primeiro quesito da “situação do autor” (identidade entre autor, narrador e personagem). Quanto ao segundo pressuposto, podemos afirmar que esses relatos estão inseridos nele (perspectiva retrospectiva da narrativa), uma vez que a autora nos conta sua trajetória desde o início da viagem. Esses aspectos podem ser observados logo na primeira carta do *Itinéraire*, escrita em Bruxelas, quando Nísia fala aos parentes:

A estrada de Paris à Valenciennes me pareceu monótona e triste, sem dúvida, pelo efeito da disposição de alma, na qual eu me encontrava. A imagem adorada de minha mãe me seguia na velocidade da grande rapidez, quando eu percorria novos países, como em todo lugar no mundo ou no silêncio do meu apartamento. Ajoelhada, em Paris, diante de seu retrato, eu havia orado por alguns instantes, e meus últimos pensamentos foram para ela e para vocês! Minha oração foi íntima e fervente, e senti em meu coração que minha mãe aprovava minha viagem (Floresta, 1857, p. 4, tradução nossa).¹⁰

Ao visitar a cidade de Milão, em 29 de agosto, um dia que representa uma grande perda para ela, a autora escreve sobre o cavalheirismo de um senhor que havia lido *Mes Conseils à ma fille* (*Conselhos à minha filha*), também publicado em italiano. A autora explicita as mágoas evocadas pela data ao descrever seu contato com o jovem silencioso:

[...] ele conhecia a infelicidade que esse dia me recorda e quis, sem dúvida, nos mostrar, por sua presença nesta circunstância, que seu coração era sensível a isso. Ele se inclinou silencioso e melancólico passando diante de nós, e desapareceu através das colunas do templo. A lembrança de meu caro filho, que nesse dia sempre se recolhia com sua irmã ao meu lado, se apresentou mais vivo ainda em minha alma, vendo passar esse jovem homem silencioso e que parecia participar da dor que me trazia esse triste aniversário (Floresta, 1872, p. 49, tradução nossa).¹¹

Pelo discurso de Nísia, podemos constatar a maior parte dos aspectos acima elencados e abordados por Lejeune. Diante do que expõe o autor, o único ponto que, a princípio, permite que nos questionemos refere-se ao “tema tratado” (vida individual, história de uma

¹⁰ *la route de Paris à Valenciennes me parut monotone et triste, par l'effet sans doute de la disposition d'esprit où je me trouvais. L'image adorée de ma mère me suivait dans la vélocité de la grande vitesse, quand je parcourais de nouveaux pays, comme partout dans le monde ou dans le silence de mon appartement. Agenouillée, à Paris, devant son portrait, j'avais prié quelques instants, et mes dernières pensées furent pour elle et pour vous! Ma prière fut intime et fervente, et je sentis dans mon coeur que ma mère approuvait mon voyage* (1857, p. 4).

¹¹ *[...] il connaissait le malheur que ce jour me rappelle et voulut sans doute nous prouver, par sa présence dans cette circonstance, que son coeur y était sensible. Il s'inclina silencieux et mélancolique en passant devant nous, et disparut à travers les colonnes du temple. Le souvenir de mon chère fils, qui ce jour-ci se recueillait toujours avec sa soeur à mes côtés, se présenta plus vivant encore à mon esprit en voyant passer ce jeune homme silencieux et qui semblait prendre part à la douleur que m'apportait ce triste anniversaire* (1872, p. 49).

personalidade), pois Nísia descreve os lugares por onde passa e os sentimentos que eles evocam a ponto de transportá-la ao Brasil para um reencontro com seu filho, com seus irmãos ou simplesmente para retomar a lembrança do que ali viveu. Porém, verificamos que o tema tratado se refere à sua vida individual, mas não somente a ela, pois a autora nos traz, também, outras informações que vão além da sua própria vida, tais como informações sobre as cidades percorridas, certos costumes da época, o comportamento dos habitantes de algumas regiões que ela visitou, dentre outros aspectos. Nísia não aborda simplesmente sua “vida individual” ou a “história de sua personalidade”, mas tudo o que lhe desperta interesse, como monumentos, igrejas, cemitérios ou paisagens.

Entretanto, podemos dizer que tudo o que chama a atenção de uma pessoa faz parte de sua vida. Assim, mesmo que Nísia não seja o assunto principal a todo tempo, é ela quem discursa sobre esses lugares ou objetos e relata o que sente ao vivenciar tais experiências. Em uma palavra: é ela que detém o ponto de vista da sua narrativa, o que é extremamente pessoal.

Em *L'autobiographie en France*, Lejeune fala que, para que uma narrativa se torne autobiográfica, não basta que haja a predominância de lembranças íntimas, é preciso também que haja um esforço para:

Ordenar essas lembranças e fazer delas uma história da personalidade do autor. O desenvolvimento da autobiografia no fim do século XVIII corresponde à descoberta do valor da pessoa, mas também a uma concepção da pessoa: a pessoa se explica por sua história e em particular por sua gênese na infância e na adolescência. Escrever sua autobiografia é tentar compreender a si mesmo em sua totalidade, em um movimento recapitulativo de síntese do eu. Um dos meios mais seguros para reconhecer uma autobiografia, é então, o de olhar se a narrativa de infância ocupa um lugar significativo, ou de uma maneira mais geral, se a narrativa enfatiza a gênese da personalidade. Eliminamos, então, todas as narrativas que usam um único episódio da vida do autor, ou sobre um período limitado da sua vida adulta, [...].(Lejeune, 1998, p. 13-14, tradução nossa).¹²

Então, se levarmos em consideração essa afirmação de Lejeune, diríamos que os relatos de Nísia não são autobiográficos, pois não fazem, especificamente, uma retrospectiva de sua infância e adolescência, nem contam precisamente a história de sua personalidade. A personalidade de Nísia está registrada por meio de suas confissões e de seus posicionamentos. Entretanto, esses relatos não estão apenas direcionados a isso. Nísia também não revela um momento de querer “compreender-se” ou fazer uma “síntese de si”. Sua intenção, a princípio, em seu *Itinéraire*,

¹² [...] ordonner ces souvenirs et en faire une histoire de la personnalité de l'auteur. Le développement de l'autobiographie à la fin du XVIII^e siècle correspond à la découverte de la valeur de la personne, mais aussi à une conception de la personne: la personne s'explique par son histoire et en particulier par sa genèse dans l'enfance et l'adolescence. Écrire son autobiographie, c'est essayer de saisir sa personne dans sa totalité, dans un mouvement récapitulatif de synthèse du moi. Un des moyens les plus sûrs pour reconnaître une autobiographie, c'est donc de regarder si le récit d'enfance occupe une place significative, ou d'une manière plus générale si le récit met l'accent sur la genèse de la personnalité. Nous éliminons donc tous les récits qui portent sur un seul épisode de la vie de l'auteur, ou sur une période limitée de sa vie adulte, [...] (1998, p. 13-14).

certamente, é se confessar e confidenciar, escrevendo cartas para registrar o que sente e o que acha pertinente para ser compartilhado com seus parentes. Talvez ainda possamos levantar outra possibilidade, a de Nísia, no papel de educadora, querer apresentar a Europa a seus parentes.

Em *Trois Ans*, ela registra sua viagem à Itália e à Grécia, indo muito além do simples “falar de si”. Portanto, não podemos afirmar que os relatos de Nísia Floresta enfatizam apenas a gênese de sua personalidade. Apesar de, muitas vezes, a autora viajar através de seu pensamento à sua terra natal e lembrar sua infância, seu discurso aborda outros temas que vão além de si mesma. Em suma, são narrativas que buscam registrar um período de sua vida, momentos nos quais ela decide respirar novos ares por meio dessas viagens.

Entretanto, apesar de não assumir nitidamente o propósito de construir sua personalidade, o que para Lejeune é fundamental numa autobiografia, Nísia constrói uma personalidade, à qual seus leitores têm acesso através do sentido produzido pelos diversos fragmentos autobiográficos de seus relatos.

De acordo com Zanone (1996):

Escrever a história de sua personalidade não é simplesmente contar acontecimentos passados. É se avaliar constantemente como o herói de um romance de aprendizagem para quem cada peripécia é o momento de uma formação, portador de uma ocasião de maturação a apreender. É porque o narrador, que é o personagem surgido no momento da narração, aquele que sabe, é levado voluntariamente a julgar o que ele foi (Zanone, 1996, p. 14, tradução nossa).¹³

Assim, vemos que Zanone considera que contar a história de si, em outras palavras, escrever uma autobiografia, é mais complexo do que se possa imaginar. Uma vez que não basta que se conte apenas a história de vida, o autor deve ter consciência de sua trajetória e do aprendizado que essa trajetória lhe trouxe.

Retomando a discussão sobre as proposições trazidas por Lejeune, ele as ameniza ao afirmar que:

[...] o tema deve ser principalmente a vida individual, a gênese da personalidade: mas a crônica e a história social ou política podem ocupar nele também um certo lugar. Isso é uma questão de proporção ou, antes, de hierarquia: transições se estabelecem naturalmente com outros gêneros da literatura íntima (memórias, diário, ensaio), e uma certa latitude é deixada ao classificador na avaliação dos casos particulares (Lejeune, 1975, p. 15, tradução nossa).¹⁴

¹³ *faire l'histoire de sa personnalité, ce n'est pas simplement raconter des événements passés. C'est s'évaluer constamment comme le héros d'un roman d'apprentissage pour qui chaque péripécie est le moment d'une formation, porteur d'une occasion de maturation à saisir. C'est pourquoi le narrateur, qui est le personnage arrivé au moment de la narration, celui qui sait, est amené volontiers à juger celui qu'il fut* (1996, p. 14).

¹⁴ *[...] le sujet doit être principalement la vie individuelle, la genèse de la personnalité: mais la chronique et l'histoire sociale ou politique peuvent y avoir aussi une certaine place. C'est là question de proportion ou plutôt de hiérarchie des transitions s'établissent naturellement avec les autres genres de la littérature intime (mémoires, journal, essai), et une certaine latitude est laissée au classificateur dans l'examen des cas particuliers* (1975, p. 15).

Com isso, verificamos que ele nos permite, ao mesmo tempo, outras possibilidades de leituras, quer dizer, cabe ao pesquisador analisar as particularidades inerentes a cada obra.

É preciso lembrar que, em *Itinéraire*, a autora não pretendia, inicialmente, publicar as cartas que escreveu durante sua viagem. Portanto, sua intenção, ao que nos parece, não era a de escrever uma autobiografia; não foi algo premeditado, assim como não era a de escrever um relato de viagem perfeito sobre a Alemanha. A autora relatava o que era de seu desejo, ou seja, se tinha saudades, se estava melancólica, de um modo geral, sobre seus sentimentos. Quando visitava alguma cidade ou conhecia alguém interessante, que lhe chamasse a atenção por qualquer motivo que fosse, fazia referência a esses assuntos, sem se preocupar necessariamente com a forma literária dada à obra, apesar de todas as informações interessantes trazidas sobre a Alemanha e seu povo.

No trecho abaixo, podemos observar como a autora se sentia à vontade para escrever o que lhe vinha à mente, o que nos leva a pensar que se tratava, realmente, de uma carta escrita para o filho; ou seja, ela não se mostrava “tão” preocupada com o valor literário no momento da escrita.

Por volta das oito horas da manhã antes de ontem, 24 de agosto, eu encerrava minha correspondência do Havre para vocês e, confiando minha casa à minha doméstica, eu peguei com minha filha um carro que nos conduziu ao caminho de ferro do Norte, Babilônia de viajantes indo e vindo em todas as direções da França e do exterior.

Enquanto eu pagava nossos bilhetes e cuidava das nossas bagagens, você estava aqui diante de mim, oh meu filho bem-amado, você que se encarregava outrora desses cuidados quando eu tinha a felicidade de viajar com meus dois filhos; minha presteza substituía a sua, que me lisonjeava tão agradavelmente quando eu te contemplava ligeiramente, sério e ativo como um jovem homem do Norte, e que eu esperava dessa atividade, dias melhores para sua mãe! [...] (Floresta, 1857, p. 3, tradução nossa).¹⁵

No segundo relato, *Trois Ans*, notamos que existem pontos diferentes em relação ao primeiro, como o fato de percebermos que houve um cuidado por parte da autora em relação à forma literária. Observamos uma elaboração típica de um relato de viagem, pois revela características do gênero, apesar de também estar carregado dos sentimentos da autora.

No fragmento a seguir, é possível perceber a união desses aspectos com o gênero relato de viagens, juntamente com o contexto histórico da Itália. Ao narrar a sua passagem pela

¹⁵ *Vers huit heures du matin, avant-hier 24 août, je fermai ma correspondance du Havre pour vous, et, confiant ma maison à ma domestique, je pris avec ma fille une voiture qui nous conduisit au chemin de fer du Nord, Babylone de voyageurs allant et venant dans toutes les directions de la France et de l'étranger. Pendant que je payais nos billets et que je m'occupais de nos bagages, tu étais là devant moi, ô mon fils bien-aimé, toi qui te chargeais autrefois de ces soins quand j'avais le bonheur de voyager avec mes deux enfants; mon empressement remplissait le tien, qui me flattait si agréablement quand je te contemplais leste, sérieux et actif comme un jeune homme du Nord, et que j'espérais de cette activité des jours meilleurs pour ta mère! [...] (Floresta, 1857, p. 3).*

Via Ápia, a autora tem a preocupação de trazer aos leitores dados sobre quem a construiu, bem como sobre seus sucessores, entre outros detalhes retratados na obra. Vejamos ainda o que podemos encontrar na narrativa da autora no dia de sua passagem por aquele local:

Para visitar locais aonde as viaturas não podiam ir, ordenamos ao cocheiro que fosse nos esperar a certa distância e prosseguimos nossa excursão a pé, durante algum tempo. Caminhando, então, no campo deserto, ou antes no vasto túmulo onde tantas glórias e tantos esplendores estão sepultados, senti uma emoção ao mesmo tempo de grandeza e tristeza, que não saberia explicar. A erva primaveril, no meio da qual andávamos, curvava-se molemente ao sopro da brisa que trazia a meus ouvidos mil narrativas misteriosas dessas antigas gerações, que pisávamos caminhando! Mal ouvia as palavras das pessoas com quem nos encontrávamos. Minha alma tinha sede da plenitude de sensações que me oferecia o campo solene de Roma e lá, eu bebia grandes goles das inspirações que minha pobre pena não poderia exprimir. Quando alguém dos que nos seguiam me interrogava ou me faziam observar algum objeto, eu lhe respondia maquinalmente, pois estava inteiramente entretida com a sucessão dos acontecimentos que transformaram esta parte de Roma, tão esplêndida, tão animada outrora, em uma planície morta e deserta (Floresta, 1864, p. 98-99, tradução nossa).¹⁶

Diante desse registro, podemos ver claramente um cuidado maior em relação ao aspecto literário por parte da autora na elaboração dessa obra. Por exemplo, observamos o recurso à personificação utilizado pela autora no fragmento acima: “ao sopro da brisa que trazia a meus ouvidos mil narrativas misteriosas [...]” e o quanto ela se deixava envolver diante dos fatos históricos que incluíam o povo italiano. Apesar de notarmos alguns aspectos diferentes entre essas narrativas de viagem, percebemos que o lado autobiográfico de Nísia se encontra nitidamente nas duas, sem exceção.

Ao analisarmos esses relatos, percebemos que Nísia, ao mesmo tempo em que escreve sua obra, narra a sua própria história, isto é, os acontecimentos vivenciados por ela mesma, remetendo assim ao pacto autobiográfico. Para que haja pacto, é preciso que o texto apresente três elementos fundamentais e perfeitamente coincidentes: o autor, o narrador e o personagem. E é exatamente o que percebemos nos relatos de Nísia.

¹⁶ *pour visiter des endroits où les voitures ne pouvaient aller, nous ordonnâmes au cocher d'aller nous rejoindre à une certaine distance, et nous poursuivîmes notre excursion à pied pendant quelque temps. En marchant alors au milieu de cette campagne déserte, ou plutôt sur cette vaste tombe où tant de gloires et tant de splendeurs sont ensevelies, j'éprouvais une émotion à la fois de grandeur et de tristesse dont je ne saurais me rendre compte. L'herbe printanière au milieu de laquelle nous marchions se courbait mollement au souffle de la brise qui portait à mes oreilles mille récits mystérieux de ces vieilles générations que nous foulions en marchant! J'entendais à peine les paroles des personnes avec qui nous nous trouvions. Mon âme avait soif de cette plénitude de sensations que m'offrait la campagne solennelle de Rome, et j'y buvais à longs traits des inspirations que ma pauvre plume ne pourrait rendre! Lorsque quelqu'un de ceux qui nous suivaient m'interrogeait ou me faisait remarquer quelque objet, je le répondais machinalement, car j'étais toute préoccupée de la succession des événements qui transformèrent cette partie de Rome, si splendide. Si animée jadis, en une plaine morte et déserte (1864, p. 98-99).*

Segundo Lejeune (1975, p. 15): “a identidade do *narrador* e do *personagem principal* que supõe a autobiografia marca-se mais frequentemente pelo emprego da primeira pessoa”. Nos relatos de Nísia, podemos verificar em alguns casos a utilização desse pronome *e*, em raros momentos, para se referir a si mesma, utiliza a terceira pessoa do singular. Quando a autora está com a filha ou com amigos, emprega a primeira pessoa do plural, na maioria das vezes, incluindo-se em suas narrativas, a exemplo:

Eu contemplava do alto desse penhasco onde *me* encontrava, as águas do Rhin que banham sua base, e *eu* me perguntava o que havia de bom nos inumeráveis transtornos produzidos pelos homens em suas fúrias (Floresta, 1857, p. 74, tradução nossa).¹⁷

Após ter gravado *ossos* nomes sobre uma coluna do belvedere, *nós* nos apressamos em descer a montanha para ganhar o belo hotel de Rolendesk, pois uma chuva fina começava a cair (Floresta, 1857, p. 75, tradução nossa).¹⁸

[...] receba ao menos a homenagem espontânea de *uma natural do Brasil*, que vem se ajoelhar sobre seu túmulo! (Floresta, 1857, p. 188, tradução nossa).¹⁹

Senti-*me* quase sufocada ao *me* curvar o máximo que podia, a fim de poder chegar até a horrorosa prisão de Beatriz Cenci. Figure-se um pequeno espaço onde um homem não poderia se esticar, entre dois muros negros, úmidos, sujos, sem o menor raio de luz, tendo apenas no alto uma estreita abertura por onde, *nos* dizia o guia, desciam o pão e a água à infeliz prisioneira [...]! (Floresta, 1864, p. 114-115, tradução nossa).²⁰

A partir dessas citações, observamos, mais uma vez, as marcas em primeira pessoa utilizadas por Nísia em seu discurso, o que é mais um fator que conduz seus relatos ao autobiografismo. Assim, não nos resta dúvida sobre o caráter autobiográfico contido nos relatos de viagem de Nísia Floresta. Apesar de algumas divergências com a teoria adotada pelo próprio Lejeune, o que mais pode caracterizar uma obra desse gênero é o pacto de verdade, aspecto encontrado nas narrativas da norte-rio-grandense.

¹⁷ *Je contemplais, du haut de ce rocher où je me trouvais, les eaux du Rhin qui en baignent la base, et je me demandais à quoi de bon les innombrables bouleversements produits par les hommes dans leur fureur guerrière* (1857, p. 74, grifos nossos)

¹⁸ *Après avoir gravé nos noms sur une colonne du belvédère, nous nous hâtâmes de descendre la montagne pour gagner le bel hôtel de Rolendesk, car une pluie fine commençait à tomber* (1857, p. 75, grifos nossos).

¹⁹ [...] *reçois au moins l'hommage spontané d'une naturelle du Brésil, qui vient s'agenouiller sur ta tombe!* (1857, p. 188, grifos nossos).

²⁰ *Je me sentais presque suffoquée en me courbant le plus possible afin de pouvoir parvenir jusqu'à la hideuse prison de Beatrix Cenci.*

Qu'on se figure un petit espace où un homme ne pourrait s'étendre, entre deux murs noirs, humides, sales, sans le plus petit rayon de lumière, ayant à peine en haut une étroite ouverture par où, nous disait le guide, on faisait descendre le pain et l'eau à la malheureuse prisonnière [...]! (1864, p. 114-115, grifos nossos).

Considerações finais

O discurso utilizado por Nísia Floresta em seus relatos de viagem é, de fato, o de uma mulher que lutou pelos seus ideais, que não se importou com a opinião alheia e não se entregou à tristeza que sentia. A autora não se limitou a abordar apenas um tema em sua vida; discursou, assim, sobre vários assuntos, o que proporciona diversas possibilidades de pesquisa aos leitores que porventura queiram explorar e conhecer um pouco mais sobre a autora e suas obras. Além de discursar sobre diferentes temas nestes relatos, ao compartilhar com os leitores as suas experiências de viagem, ela inovou mais uma vez, pois foi uma brasileira que fez na Europa o que os europeus costumavam fazer, também, no Brasil. Não encontramos registros na literatura brasileira de uma mulher que tenha feito, no século XIX, o que Nísia fez: relatar viagens feitas pela Europa.

Deveras, um dos aspectos mais marcantes que se apresentam nesses relatos, principalmente no primeiro, *Itinéraire*, é o discurso autobiográfico. O sentimento de solidão, talvez, tenha motivado Nísia a empreender tais viagens e, por fim, a relatá-las, fosse por meio de cartas ou de anotações diárias que, mais tarde, se transformariam em um livro. Apesar de o *Itinéraire* apresentar mais claramente esse discurso, *Trois Ans* também nos traz muitas informações de ordem autobiográfica, fragmentos que revelam os sentimentos da autora enquanto mulher, mãe, filha e esposa.

A partir dos estudos que realizamos acerca da autobiografia, sobretudo do ponto de vista de Philippe Lejeune, tivemos a confirmação de que, de fato, os relatos de viagem de Nísia podem ser considerados, também, como textos autobiográficos. Apesar de algumas divergências entre os elementos elencados por Lejeune para que uma obra seja autobiográfica, isso não exclui todas as marcas pessoais deixadas por Nísia em seus relatos. Desse modo, podemos dizer que essas obras são narrativas de viagem, mas que estão carregadas dos mais íntimos sentimentos da autora, os quais ela revela a cada página, permitindo, assim, que os leitores compartilhem, de certa forma, da sua intimidade.

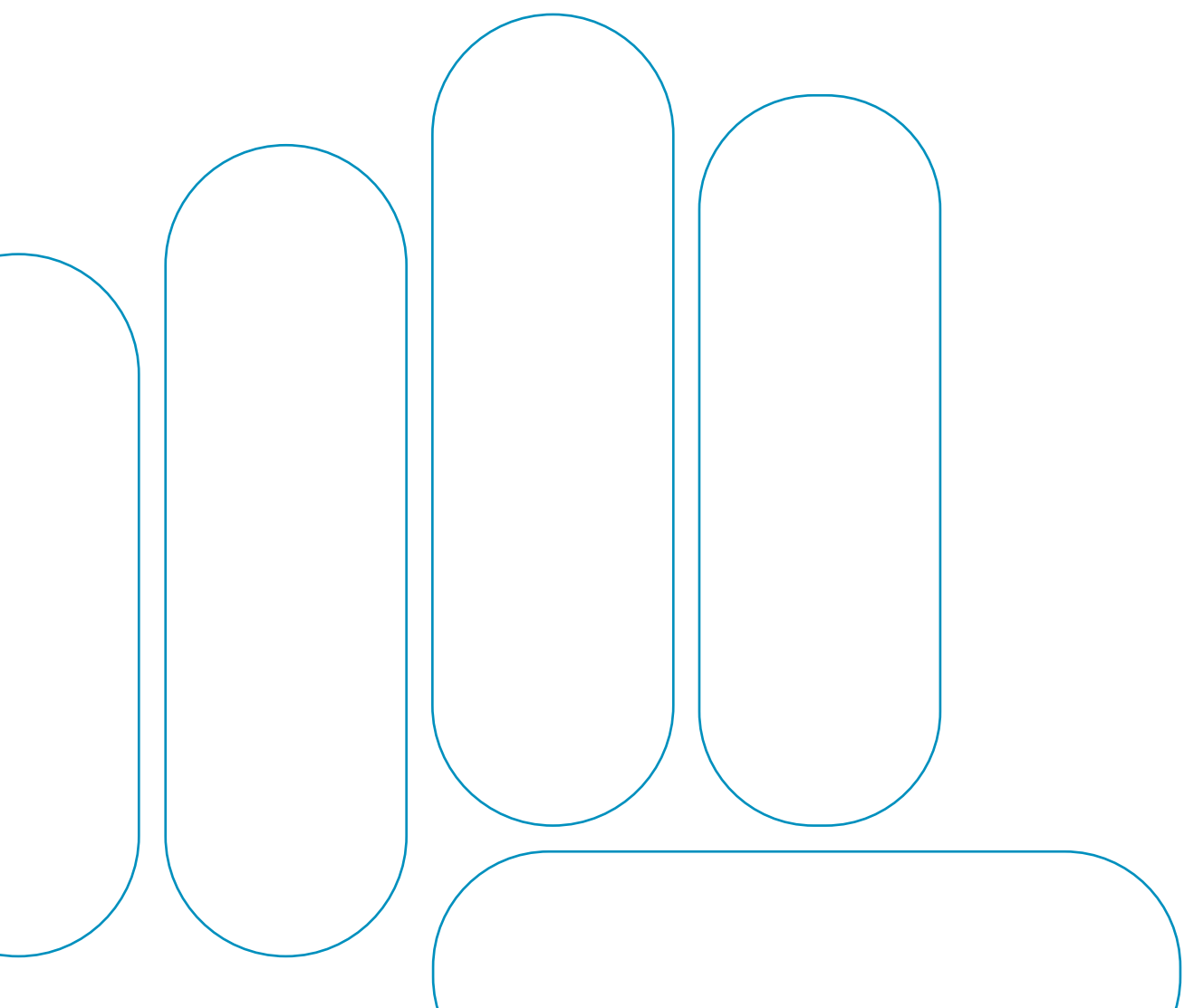
Assim, *Itinéraire* e *Trois Ans* não são simples narrativas de viagem, descrevendo apenas cidades e paisagens, mas sim um momento de reflexão da autora e de suas angústias, medos e alegrias. Abordam também problemas sociais vividos na época, tais como a educação feminina, a escravidão e o difícil momento vivido pelos italianos, entre outros, que podem ser lidos nas páginas desses “diários” de viagem.

Temos a impressão de que, mais do que termos uma ideia sobre os lugares por onde Nísia Floresta passou, ao ler seus relatos de viagem, é possível se imaginar dentro da mente da escritora potiguar, como se pudéssemos enxergar com os seus olhos e sentir seus sentimentos, o que torna a leitura ainda mais encantadora.

E assim, encerramos este trabalho aspirando que as obras de Nísia Floresta sejam cada vez mais lidas, apreciadas e pesquisadas, fazendo com que a escritora norte-rio-grandense, que trouxe tanta contribuição e ainda traz para a literatura feminina do século XIX, receba todo o reconhecimento que lhe é de direito.

Referências

- ADAM, Jean-Michel; HEIDMANN, Ute; MAINGUENEAU, Dominique. *Análises textuais e discursivas: metodologia e aplicações*. Maria das Graças Soares Rodrigues, João Gomes da Silva Neto, Luis Passeggi (orgs.). São Paulo: Cortez, 2010.
- BAKHTIN, Mikhail. *Estética da criação verbal*. Tradução: Paulo Bezerra. 4. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2003.
- BAKHTIN, Mikhail. *Le freudisme*. Lausanne: L'Age d'Homme, 1980.
- CÂMARA, Adauto da. *História de Nísia Floresta*. 2. ed. Natal: Depto. Estadual de Imprensa, 1997.
- DUARTE, Constância Lima. *Nísia Floresta: vida e obra*. Natal: EDUFRN, 1995.
- FLORESTA, Nísia. *Itinéraire d'un Voyage en Allemagne*. Par Mme. Floresta A. Brasileira. Paris: Firmin Diderot Frères et Cie, 1857.
- FLORESTA, Nísia. *Trois ans en Italie: suivis d'un Voyage en Grèce*. Par une Brésilienne. Paris: E. Dentu Libraire-Éditeur et Jeffes; Librairie A. Londres, v. 2, 1872.
- FLORESTA, Nísia. *Trois ans en Italie: suivis d'un Voyage en Grèce*. Par une Brésilienne. Paris: Librairie E. Dentu, v. 1, 1864.
- LEJEUNE, Philippe. *Je est un autre: L'autobiographie, de la littérature aux médias*. Paris: Éditions du Seuil, 1980.
- LEJEUNE, Philippe. *l'autobiographie, en France*. 2. ed. Paris: Armand Colin, 1998.
- LEJEUNE, Philippe. *Le Pacte Autobiographique*. Paris: Seuil, 1975.
- LEJEUNE, Philippe. *Signes de vie: le pacte autobiographique 2*. Paris: Éditions du Seuil, 2005.
- ZANONE, Damien. *L'autobiographie*. Paris: Ellipses, 1996.



A Editora UnB é filiada à



Este livro foi composto em UnB Pro e Liberation Serif.

EDUCADORAS E EDUCADORES BRASILEIROS

Do centenário de Paulo Freire e Darcy Ribeiro aos 60 anos da UnB

Este livro nasceu do compromisso deixado pelos dois maiores idealizadores da Universidade de Brasília, que são referências para todos nós: Darcy Ribeiro e Anísio Teixeira. Eles tinham o objetivo de fazer da UnB uma grande referência no papel de pensar o Brasil, pautar os temas nacionais e ajudar a buscar soluções para transformar a realidade do povo brasileiro. Trata-se de um livro que resulta do curso de extensão intitulado Educadoras e educadores brasileiros: do centenário de Paulo Freire aos 60 anos da UnB, ofertado em 2021, quando o Brasil e o mundo estavam imersos na maior crise sanitária do nosso tempo: a pandemia de covid-19. Estávamos em busca de caminhos, enfrentando o negacionismo daqueles que deveriam estar à frente dos problemas, o qual trouxe graves consequências, vitimando mais de 700 mil vidas e deixando sequelas graves para a sociedade como um todo. O referido curso de extensão tratou da vida, da obra e das contribuições de educadoras e educadores do Brasil, que foram e são tão importantes para nos ajudar a pensar em caminhos, propostas, ações e políticas para os diferentes problemas do país, em sua imensa riqueza cultural, de modo a combater e reverter suas desigualdades. É um livro que, assim como a UnB, está comprometido com um novo amanhecer, em um país mais inclusivo, participativo, multicultural, democrático e sustentável.

EDITORA

